

MERLEAU-PONTY E A TAREFA DA FILOSOFIA

Adilson Xavier da Silva

Doutor em Filosofia pelo IFCS/UFRJ
Prof. da UEMG – Escola de Design

RESUMO:

O artigo tem como objetivo explicitar as noções de Fé perceptiva e Reflexão, como tarefa primordial para uma interrogação filosófica no pensamento ontológico de Merleau-Ponty.

Palavras-chaves: Interrogação filosófica. Fé perceptiva. Reflexão. Fenomenologia.

ABSTRACT:

The article aims to make explicit the notions of perceptual Faith and Reflection, as a primordial task for a philosophical interrogation in the ontological thought of Merleau-Ponty.

Key-words: *Philosophical interrogation. Perceptual faith. Reflection. Phenomenology.*

INTRODUÇÃO

Maurice Merleau-Ponty nasceu em Rochefort-sur-Mer, na França, em 14 de março de 1908. Graduiu-se em Filosofia na Escola Normal Superior em 1930. Foi professor de Filosofia em Liceus (Liceu de Beauvais no período de 1931 a 1933, Liceu de Chartres de 1934 a 1935); no período de 1935 a 1939 é nomeado professor conferencista da Escola Normal Superior, mais tarde na Sorbonne, onde ocupou a cadeira de Psicologia e Pedagogia de 1949 a 1952, e, finalmente, ocupou a cadeira de Filosofia no Collège de France, onde proferiu, em 15 de janeiro de 1953, a lição inaugural. **Elogio da Filosofia**. Em julho de 1945 apresentou, para a obtenção do título de "docteur ès lettres", duas obras, que o projetaram no cenário filosófico contemporâneo: **A Estrutura do Comportamento** (1942) e a **Fenomenologia da Percepção** (1945). Em maio de 1961 faleceu, repentinamente, de trombose coronária, em Paris; contava, então, com cinquenta e três anos.

Na teoria fenomenológica o mundo é as coisas mesmas que vemos, essa fé comum exprime ao homem natural e ao filósofo uma "camada profunda de opiniões mudas" (MERLEAU-PONTY, 1971, 15), que revela implicitamente em nossas vidas. O mundo é, também, perfeitamente familiar a cada um de nós, mas não podemos explicá-lo aos outros. À medida que o filósofo abre os olhos, sua tarefa é de articulá-lo tal como o vemos na interrogação sobre a fé perceptiva. Mas essa fé comum tem algo de estranho e de contraditório; se pelo simples fato de interrogarmos este *mundo* ou esta *coisa*, desvelamos através deles um labirinto de contradições ou de dificuldades, visto que, não perguntamos apenas o que é o Mundo ou o que é uma Coisa, mas um enigma para pensar aquilo que vemos: as coisas mesmas. Com tudo isso, o filósofo simplesmente despoja da humanidade aquilo que ele vê e nunca um enigma para pensar o que é aquilo que vemos.

Essa reflexão radical, de ver as coisas mesmas, é consciente de sua dependência de uma vida irreflexiva. Ela é uma filosofia que encontra o mundo já dado, e quer ao mesmo tempo redescobrir o contato originário com ele. O mundo é, então, a "retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha" (MERLEAU-PONTY, 1971, 17).

A FÉ PERCEPTIVA

Por certo a intervenção do outro não resolve o paradoxo interno de minha percepção, pois mesmo pela comunicação transformamo-nos em testemunhas de um só mundo e mesmo que, evidentemente, só “através do mundo posso sair de mim mesmo” (MERLEAU-PONTY, 1971, 23). A percepção não elucida todo o problema, embora inelutável, ela permanece inteiramente obscura. Porque não podemos pensá-la, nem formulá-la, nem erigi-la em tese. Se assim o fizermos ela volta aos dilemas. Para sair desse dilema é necessário vivê-la.

A filosofia não pode ignorar essa “certeza injustificável de um mundo sensível” (MERLEAU-PONTY, 1971, 23), que é comum a todos nós, que nos foi dado pela percepção. Pois ela trata-se como pano de fundo de um *fato de gênese* que inaugura nossa abertura ao mundo e nosso acesso à verdade. Esse acesso ao verdadeiro, ao invisível, permite a cada homem habitar sua própria ilha, mas que ele possa concordar, sem transição de uma para a outra, sobre uma coisa qualquer. Sendo que cada um “*do fundo de seus redutos, se tenham deixado envolver pelo mesmo funcionamento social e pela mesma linguagem*”. (MERLEAU-PONTY, 1971, 25)

Portanto, quando esse funcionamento e essa linguagem forem usados conforme seus propósitos, trataremos de um mundo sem fissuras, e, nunca obteremos o acesso do universo da verdade. Assim, cabe ao filósofo pensar o mundo, o outro e ele-mesmo e ao mesmo tempo, cabe ainda a ele entrelaçar suas relações. Visto que, esse mundo é o próprio “fundamento do ser” (MERLEAU-PONTY, 1971, 17), e não uma mera explicitação de um ser preliminar. Nesse sentido, diz Merleau-Ponty, a filosofia não é um reflexo de uma verdade prévia, ela é antes de tudo uma realização de uma verdade.

A filosofia sendo essa realização possível ou não, não encontra nas coisas uma razão preexistente. Nesse caso o que preexiste é o próprio mundo, e a filosofia

“que o faz passar à existência manifesta, não começa por ser possível: ela é atual ou real, como o mundo de que faz parte, e nenhuma hipótese explicativa é mais clara que o ato mesmo pelo qual retomamos este mundo inacabado para pensar totalizá-lo e pensá-lo”. (MERLEAU-PONTY, 1971, 18)

Não há atrás dele um ser desconhecido que temos que determinar dedutivamente ou provar imediatamente a partir dele. O que temos é a conexão das experiências, e “ninguém sabe melhor do que nós como se faz posto que somos este nó de relações” (MERLEAU-PONTY, 1971, 18).

O mundo e a razão não constituem problemas, são misteriosos, mas “este mistério os define, não se trataria de dissipá-lo por meio de alguma solução, pois ele está aquém das soluções” (MERLEAU-PONTY, 1971, 18). O que a verdadeira filosofia apreende é ver o mundo e neste sentido um caso contado pode significar o mundo com tanta profundidade quanto um tratado de filosofia.

Já que temos em mãos a nossa própria sorte, ou seja, somos responsáveis por nossa história e essa responsabilidade vem por meio da reflexão. A reflexão em que engajamos nossa vida repousa sobre si mesma, fundamenta-se em si mesma como sendo revelação do mundo ao apoiar-se em um solo de postulados que, finalmente, apoia-se em nossa comunicação com o mundo, sendo o primeiro estabelecimento de racionalidade (MERLEAU-PONTY, 1971, 18).

Portanto, a filosofia como reflexão radical interroga-se a si mesma e mantém um diálogo constante ou uma mediação infinita na medida em que se mantém fiel à sua intenção, de se revelar o mistério do mundo e o mistério da razão.

Esse mundo, solo e ponto de partida da reflexão, não é problemático, mas está carregado de mistério. Para desvelar o seu mistério é necessário aprender a vê-lo.

“No sentido de que, em primeiro lugar, é mister nos igualarmos, pelo saber, a essa visão, tomar posse dela, dizer o que é nós e o que é ver, fazer, pois, como se nada soubéssemos, como se a esse respeito tivéssemos que aprender tudo”.(MERLEAU-PONTY, 1971, 16)

Nesse sentido, Merleau-Ponty no seu ensaio **O Olho e o Espírito** (1969) nos dirão que essa visão é o “meio que me é dado de estar ausente de mim mesmo, de assistir de dentro a fissão do ser, (...) da qual eu me fecho sobre mim” (MERLEAU-PONTY, 1969, 99). E para que isso ocorra devemos compreendê-lo através da filosofia. Pois a filosofia procura as coisas mesmas no fundo de seu silêncio onde as coisas mesmas se expressam.

Mas o que importa na filosofia não são as razões que se “podem ter para tomar como incerta a existência do mundo” (MERLEAU-PONTY, 1971, 18). Mas, saber o

sentido de ser do mundo, para tanto é mister reformular os argumentos cépticos fora de qualquer preconceito ontológico, para sabermos o que é o ser-mundo, o ser-coisa, o ser imaginário e o ser consciente (MERLEAU-PONTY, 1971, 18). É fundamental, aqui, para Merleau-Ponty que a filosofia seja o lugar onde o mundo e os seres se juntam.

Por que esperar que as coisas mesmas falem? O que Merleau-Ponty busca tematizar é uma atitude personalista, que mantemos cotidianamente quando as coisas, o mundo, não são em si, mas o que são quando nos rodeiam.

“Não vivemos naturalmente no universo das **blosse sachen**. Antes de toda a reflexão, na conversação, no uso da vida, a nossa atitude é personalista e não pode ser explicada pelo naturalismo, e as coisas são então para nós o meio que nos rodeia e não natureza em si”. (MERLEAU-PONTY, 1961, 245)

A nossa vida mais natural de homem, por conseguinte, visa um meio ontológico que seja diferente do do em si, e ao mesmo tempo não seja uma mera ordem constitutiva derivado dele. Quando nos referimos às coisas, “sabemos muito mais delas na atitude natural de quanto a seu respeito nos pode dizer a atitude teórica -e, sobretudo, sabemo-lo diferentemente” (MERLEAU-PONTY, 1962, 246).

Para a reflexão a relação natural com o mundo é uma atitude, isto é, um conjunto de atos. Mas essa atitude é uma reflexão que se “pressupõe nas coisas, que não vê mais longe do que si própria” (MERLEAU-PONTY, 1962, 246). Na medida em que a reflexão tenta uma reconstituição universal ela nota haver no irrefletido “sínteses que residem aquém de todas as teses” (MERLEAU-PONTY, 1962, 246). Visto que, até o momento, ela está isenta de qualquer crítica, porque ela é o mistério de uma **tese do mundo**, que é anterior a toda as teses, portanto, não são “traduzíveis em termos de saber claro e distinto, e, mais velhas do que qualquer atitude, do que qualquer ponto de vista, nos dão não uma representação do mundo, mas o próprio mundo” (MERLEAU-PONTY, 1962, 246).

Diante do olhar do filósofo que não é mais um olhar sobre um interior ou um exterior, mas uma relação com o mundo, esse mundo não está mais diante dele por representação. O que temos agora na percepção é a coisa mesma e não sua representação, e a coisa estão no outro extremo de meu olhar e em geral de

minha exploração. Logo, não olho minha própria visão do mundo “como se olha na coisa, não fixo em seu lugar, meu olhar vagueia nele como nos nimbos do Ser e eu vejo, segundo ele ou com ele, mais do que o vejo”(MERLEAU-PONTY, 1969, 40).

O que Merleau-Ponty quer tematizar é essa base profunda - trama sólido - de opiniões mudas: essa fé perceptiva no mundo e nas coisas. Essa fé que as ciências - ao excluir todos os predicados das coisas que resultam de nosso contato com elas - rebaixam e manipulam em sua idealização.

Então a “ciência manipula as coisas e renuncia a habitá-las” (MERLEAU-PONTY, 1969, 25). Ela moldula para si regras internas e renuncia ao mundo atual. A ciência é esse pensamento ativo, engenhoso, desenvolvido que quer tratar todo ser como objeto em geral, isto é, ela se crê predestinada a ser guardiã da opacidade do mundo e por tanto, procura um caminho que a leve a um fundamento transcendental ou transcendente para as suas operações. Para a ciência pensar é transformar, operar, ensaiar, sob um controle experimental onde só intervenham fenômenos altamente **trabalhados**, e que os nossos aparelhos produzem, de preferência a registrá-los.

Acreditar nessa ciência é aceitar que o mundo é nominal ou um puro objeto das nossas operações, é também acreditar que ele só é possível existir quando se entra no laboratório. Tudo isso nos leva a crer que o próprio pensamento operatório torna-se uma espécie de artificialismo absoluto, tal como se vê na ideologia cibernética, onde as criações humanas são derivadas de um processo natural de informação, e portanto, segundo o modelo das máquinas humanas.

“... visto que o homem se torna verdadeiramente o **manipulandum** que ele pensa ser, entra-se num regime de cultura onde já não há verdadeiro nem falso no tocante ao homem..., num sono ou num pesadelo do qual nada poderia acordá-lo”. (MERLEAU-PONTY, 1969, 28)

O pensamento da ciência é um pensamento de sobrevôo e de um objeto em geral, ele fundamenta-se num “há” prévio, no solo do mundo sensível, em nossa vida.

Deste modo a ciência se move no mundo, mas não o tematiza, ela simplesmente o pressupõe. Portanto, os métodos de de **prova** e **conhecimento** e os conceitos

de **objeto** e sujeito não nos “permitem compreender o que seja a fé perceptiva” (MERLEAU-PONTY, 1971, 37). Precisamente porque é uma adesão que se sabe além das provas, ameaçadas sempre pela não-fé.

Com os conceitos de objeto e sujeito, ser em si e vida interior - segundo Merleau-Ponty- não se entrevê o problema do mundo. Não nos interessam as razões que podemos fazer duvidar da existência do mundo - argumentos fundados no sonho, delírio, ilusões e dos argumentos pirronianos -, que, por si mesmos, nos “desviariam de toda elucidação, pois se referem vagamente à idéia de um Ser inteiramente em si e, por contraste, juntam confusamente o percebido e o imaginário como estados de consciência” (MERLEAU-PONTY, 1971, 18). Os argumentos fundados no pirronismo, no fundo, partilham das ilusões do homem ingênuo. E essa ingenuidade “dilacera a si mesmo dentro da noite” (MERLEAU-PONTY, 1971, 18), sem ao menos entrever o problema do mundo. Mas o que nos interessa fundamentalmente é o sentido de ser do mundo.

Não há nada que pressupõe, nem a idéia de um ser em si e nem a idéia correlativa de um ser para a consciência, mas são essas as noções a que teremos de voltar para pensar a nossa experiência do mundo.

Agora não mais se pergunta se percebemos verdadeiramente o mundo, pois o mundo é o que percebemos. Para ir à essência do mundo, não é necessário “buscar o que ele é em idéia, uma vez que o reduzimos a tema de discurso”, mas é preciso buscá-lo de fato para nós antes de qualquer tematização (MERLEAU-PONTY, 1971, 13). Em vista disso, perceber é estabelecer diferenças de sentido e nível dentro do universo de experiências em que as coisas se delineiam e surgem. Isto é, por sua vez, impercepção de um fundo. O mundo é então um campo aberto e inacabado, horizonte sempre atual e presente sobre o qual disposta toda empresa do homem. O mundo é percebido e a percepção é uma visão verdadeira que dá lugar a uma série aberta de explorações concordantes. Ter acesso a esse mundo é envolver os fantasmas que nos lançam nas aparências do mundo.

Com essa afirmação, de que o mundo é o que percebo, desde de já a relação se dá entre as coisas e um corpo que sou eu, não existindo uma consciência pura frente a objetos puros. Mas o que há realmente é um mundo e um corpo. Meu corpo rodeado pelo visível. A relação é corpo-mundo. E essa é uma relação singu-

lar, pois de meu corpo depende que eu permaneça na aparência ao chegar as coisas mesmas, “como se o acesso ao mundo não fosse senão o outro aspecto de um recuo, e esse recuo à margem do mundo, uma servidão e outra expressão de meu poder natural de entrar nele” (MERLEAU-PONTY, 1971, 20). O mundo é o lugar não só de onde se fala das coisas, mas é, também, o lugar onde as articulam.

Essa experiência mostra que o estar ocupando o mundo com nosso corpo é uma verdade difundida por todo nosso ser. Essa abertura inicial ao mundo que não exclui uma possível ocultação não só deve ser descoberta pela filosofia, mas do mesmo modo deve explicitar essa abertura-ocultação. Cabe ao filósofo “compreender como essas duas possibilidades que a fé perceptiva guarda em si própria, lado a lado, não se anulam” (MERLEAU-PONTY, 1971, 38). Como compartilhar estes dois pontos de vista?

“é preciso que os perca como estado de fato para reconstruí-los como possibilidades suas, a fim de apreender por si mesmo o que, em verdade, significam, o que o destina não só à percepção como aos fantasmas; numa palavra, é mister que **reflexione**”. (MERLEAU-PONTY, 1971, 38)

Na medida em que reflexionamos, nossa reflexão não consegue ir além do ser em si e do ser para os outros, “parece abrir-se uma terceira dimensão onde desaparece sua discordância” (MERLEAU-PONTY, 1971, 38). Essa instância profunda, implícita na mesma atitude natural que faz aparecer o mundo e ao mesmo tempo uma presença inalienável, sugere uma camada fina de impensado. Abre aos nossos olhos àquilo que vemos; nada mais é do que aquilo que percebemos: a própria coisa.

Ora, é bem verdade, que a percepção é o “pensamento de perceber quando é plena e atual” (MERLEAU-PONTY, 1971, 39). Só assim ela atinge a própria coisa. Aquilo que pensamos ver - a coisa - é um **cogitatum** ou **noema**. Ela é a convicção de que há alguma coisa, que há um mundo. Mas acontece que essa fé perceptiva é a um só tempo uma mistura de dogmatismo e ceticismo colocados em dúvida pela reflexão.

Com efeito essas reflexões sobre o problema da ciência e da fé perceptiva posta por Merleau-Ponty resumem a crítica ao cartesianismo, como uma ontologia, visto que a análise cartesiana simplesmente idealizava o mundo físico, por aquilo

que ele é, ou seja, um mero objeto diante do pensamento, onde o próprio pensamento era purificado por propriedades intrínsecas.

A percepção nos dá a fé num mundo, num sistema de fatos naturais solidificados, e esse sistema incorporaria todas as coisas, até mesmo a “percepção que nele nos inicia” (MERLEAU-PONTY, 1971, 36). Mas hoje não vigora mais tal fé, que a “natureza seja um sistema contínuo desse gênero” (MERLEAU-PONTY, 1971, 36). Com maior razão, ainda, estamos “longe de pensar que os ilhéus de psiquismo, que nela flutuam aqui e ali, estejam secretamente vinculados por meio do solo contínuo da natureza” (MERLEAU-PONTY, 1971, 36). Em face de isso, a tarefa que importa ao filósofo é de “compreender se e em que sentido o que não é natureza forma um mundo e, antes de tudo, o que é um mundo, finalmente, se há mundo, quais podem ser as relações entre o mundo visível e o mundo invisível” (MERLEAU-PONTY, 1971, 36).

A REFLEXÃO

A reflexão conserva em si mesma o que constitui a fé perceptiva: ela conserva a convicção de que há alguma coisa, que há o mundo, a idéia de verdade e a idéia verdadeira dada “descobrimos aí a adequação e o consentimento do pensamento ao pensamento, a transparência do que penso para mim que o penso” (MERLEAU-PONTY, 1971, 39).

Desta forma a conversão reflexiva coloca diante do sujeito puro ideados; quer dizer, **Cogitatum** ou **noema**. E que, é graças a essa conversão que sairemos dos equívocos da fé perceptiva que ela assegurou ser paradoxal, de retornar às coisas mesmas, que davam-nos o acesso às próprias coisas pelo corpo, e portanto nos “abria para o mundo”. Agora as convicções da fé perceptiva são postas em dúvida, e reflexivamente já não creio ver coisas exteriores a mim, mas como exteriores a meu corpo.

A reflexão transforma desse modo o sujeito encarnado em transcendental e a realidade do mundo em idealidade, o mundo é o objeto de todos nossos pensamentos, sua unidade é ideal ou de significação: Esse movimento da reflexão, para Merleau-Ponty, será sempre convincente: porque ele se impõe, é a própria verdade em si mesmo, e não se “vê como a filosofia poderia dispensá-lo” (MERLEAU-

-PONTY, 1971, 40).

Nesse sentido, a questão que se coloca no pensamento reflexionante é saber se ela conduz ao término de todo o problema; visto que a fé perceptiva é paradoxo, como, então, permanecer nela? E ao mesmo tempo “se não permaneço nela, que posso fazer a não ser voltar a mim próprio e procurar aí a morada da verdade?” (MERLEAU-PONTY, 1971, 40).

Note-se, que o pensamento reflexionante só é possível na medida em que inter-rogo o mundo, ou seja, quando o compreendo de dentro, na minha frequentação do mundo. Então, é preciso percorrer a “relação exterior entre um mundo em si e mim mesmo” (MERLEAU-PONTY, 1971, 41). Mas esse vínculo natal - entre mim que percebo e o que é concebido - visto pela Filosofia reflexiva nos introduz pressupostos sem os examinar e desfaz esse nosso vínculo original com o mundo, para logo constituí-lo, para logo fabricá-lo.

É essencial à filosofia reflexionante recolocar o mundo como nosso lugar natal, pois somos, como espíritos, o berço do mundo. Através desse movimento de regressão, a reflexão não reconstitui a si mesma como esforço de recuperação, mas se inspira na presença prévia do mundo.

Ao referir-se ao mundo como nosso lugar natal, Merleau-Ponty, remete-nos à noção de Terra. Essa noção está estreitamente ligada à noção de carne que é o tema central de sua ontologia. No seu ensaio **O filósofo e sua sombra** a noção de Terra aparece como sendo *solo* ou *cepa* do nosso pensamento e de nossa vida, pois ela é nossa pátria. A Terra é da mesma forma a “matriz do nosso tempo como do nosso espaço” (MERLEAU-PONTY, 1962, 272), é o meio originário no qual o homem vive e reencontra as próprias coisas. Sendo a Terra esse solo invisível que desvela a relação sujeito-mundo, ela torna possível à redescoberta do espírito bruto na juntura e na membrura do ser que se “consuma através do homem” (MERLEAU-PONTY, 1962, 274).

Enquanto esforço, a reflexão quer criar o mundo existente sobre um pensamento do mundo, e dizer que a possibilidade do mundo como pensamento se apóia em uma outra possibilidade: em meu poder de ver o mundo. Até o momento, a crítica de Merleau-Ponty centraliza-se, é, no fato de que a energia do pensamento reflexivo vem de sua presença prévia do mundo, como uma imagem irrefletida do

mundo que lhe é última, como um fio condutor.

Mas o que é reflexão? Uma reflexão sobre algo irreflexivo. Ela aparece como um câmbio de estrutura da consciência, onde ela reconhece o mundo dado ao sujeito. E esse mundo já não quer construí-lo, mas descobri-lo. As respostas que as grandes filosofias reflexivas demonstram, tais como: a referência à idéia verdadeira dada ou a referência de uma experiência pré-crítica do mundo já demonstram, assim um pensamento que forma um círculo de irrefletido e da reflexão, um círculo em que a condição e o condicionado estão numa relação recíproca. É certo, aqui, que Merleau-Ponty não quer desqualificar a reflexão em proveito do irrefletido, mas, ao contrário, de “abarcá-la situação total que comporta reenvio de uma a outra” (MERLEAU-PONTY, 1971, 43).

Ora, o que temos não é um mundo maciço e opaco. O dado não é um universo de pensamento adequado, mas uma reflexão que se envolve na espessura do mundo para iluminá-lo, desenvolvendo-o somente à sua própria luz.

Essa relação que Merleau-Ponty chama abertura ao mundo não revela todo nosso trato com o mundo. O mundo não é o que penso, mas o que vivo. Estou sempre em contato, em comunicação imediata e constante com ele. Estar aberto ao mundo, não quer dizer que o possuo. Mas é justamente através dessa tese constante de minha vida, que há um mundo, não pode dar-se por completa razão. Há e não me aparece, é necessário que esse há seja imanência segura. Se simplesmente reduzimos a percepção ao pensamento de perceber e sua rede de significações que a filosofia organiza para reconquistá-la, renunciamos a estados do mundo efetivo e nessa certeza não entrará nunca o há do mundo.

Assim, fundar a percepção sobre a essência da percepção é esquecer a própria reflexão como “ato distinto de retomada” (MERLEAU-PONTY, 1971, 46). Nesse sentido, é preciso um novo enfoque que seja diferente, da conversão reflexiva. Qual seria esse novo enfoque?

“Uma espécie de sobre-reflexão que, também a levaria em conta, assim como às mudanças que introduz no espetáculo, sem, portanto, perder de vista a coisa e a percepção brutas e, conseqüentemente, sem apagar nem contar nelas, por uma hipótese de inexistência, os laços orgânicos da percepção e da coisa percebida”.(MERLEAU-PONTY, 1971, 46)

Finalmente, se a reflexão quer suspender a fé no mundo unicamente para vê-lo, será necessário que a reflexão envolva o segredo de nosso laço perceptivo com ele, que “empregue as palavras para dizer essa ligação pré-lógica e não conforme sua significação preestabelecida” (MERLEAU-PONTY, 1971, 47), e que ao mesmo tempo mergulhe no mundo, ao invés de dominá-lo, que o interogue e que o “faça dizer, enfim, o que em seu silêncio *ele quer dizer*” (MERLEAU-PONTY, 1971, 47).

Portanto, a reflexão parte de nossa experiência do mundo para remontar um sujeito como condição de possibilidade, sendo aí distinta do ponto de partida, e ainda para entrar na nossa experiência. É dizer ainda, que no ato inaugural da reflexão há uma decisão de duplo jogo, que, uma vez desvendada, quita sua evidência aparente. Mas, uma vez instalada na aparência, a filosofia reflexiva se dá numa posição inexpugnável, tornando-se uma fissura dos atos de pensamentos.

Do mesmo modo, a filosofia reflexiva não poderá situar-se nunca no espírito que desvela para ver nele o mundo como correlato seu. Porque, precisamente, ela é reflexão, retorno, re-conquista ou re-tomada, e não simplesmente um “princípio constitutivo já operante no espetáculo do mundo, de percorrer, a partir desse espetáculo, o próprio caminho que o princípio constitutivo teria seguido em sentido inverso” (MERLEAU-PONTY, 1971, 52). Se a reflexão fosse realmente retorno deveria coincidir com o princípio constitutivo que aí estaria atuando. A reflexão exige e exclui, paradoxalmente, um processo inverso de constituição.

É dizer; que todo esforço de compreender o espetáculo do mundo exige deixar de lado a efetividade de nossas percepções e de nossa percepção do mundo, que imputa suas essências, que abandonemos o fluir concreto de nossa vida para “retraçarmos o andamento de conjunto e as articulações principais do mundo sobre o qual ela se abre” (MERLEAU-PONTY, 1971, 53). Então, reflexionar não é meramente “coincidir com o fluxo desde sua fonte até suas últimas ramificações” (MERLEAU-PONTY, 1971, 53), é, antes de tudo, desprender das coisas, das percepções, do mundo e da percepção do mundo alguns núcleos inteligíveis, de tal maneira que a experiência não desfaz, mas que ela nos dê apenas seus contornos universais, deixando intacto o problema da gênese do mundo existencial e da idealização reflexiva.

Essa reflexão - para tomar em conta esses problemas últimos - exige então como fundamento uma sobre-reflexão. Em verdade, cabe duvidar que a reflexão que passa pelas essências “possa cumprir sua tarefa propedêutica e conservar seu papel de disciplina do entendimento”, visto que “nada nos garante que toda experiência possa ser expressa em invariantes essenciais” (MERLEAU-PONTY, 1971, 53).

CONCLUSÃO

Portanto, devemos reconsiderar que toda a experiência, toda a reflexão, bem como a própria essência e o sujeito das essências como eidéticos. Tal fixação eidética teria como função “colocar em evidência à distância entre eles e o funcionamento efetivo” (MERLEAU-PONTY, 1971, 54), convidando a própria experiência a sair de seu silêncio. Se reconhecermos que a reflexão é eidética, todo o problema de nosso ser irrefletido e do ser do mundo deixa de existir. Ora, Merleau-Ponty falando de Husserl, ele não ‘fez mais do que aceitar o problema que a atitude reflexionante comumente evita, a discordância entre sua situação inicial e seus fins’ (MERLEAU-PONTY, 1971, 54).

Certamente, a filosofia reflexiva não pensa “levar a sério à mistura do espírito com o corpo”. Para ela não “há mundo bruto, há somente um mundo elaborado, não há intermundo mas apenas uma significação mundo” (MERLEAU-PONTY, 1971, 55). Antes da reflexão estou situado no mundo atual por meu corpo e existem outros homens situados por seus corpos no mundo, todos percebemos o mesmo mundo. Como atingir a reflexão, “senão porque o espetáculo tinha sentido para mim antes que eu me descobrisse como aquele que lhe dá sentido?” (MERLEAU-PONTY, 1971, 56). Agora, o meu acesso pela reflexão a um espírito universal só é possível pelo enovelamento de minha vida com as outras vidas, pelo meu corpo com as coisas visíveis, pela mistura da minha duração com as outras.

Ao chegar a um espírito universal, isto é, ao ego transcendental, é mister ouvir esse não-saber inicial, que não é nada, “que não é tampouco verdade reflexiva, e que também é preciso explicar” (MERLEAU-PONTY, 1971, 56). Desde o início a filosofia reflexiva estava fora de mim, do mundo, “sendo que a todo o momento

essa experiência vem alimentar minha reflexão” (MERLEAU-PONTY, 1971, 56). Essa é a tarefa de uma filosofia que necessita ser desvelada, e para tanto, ela precisa admitir uma dupla polaridade da reflexão, ou seja, como dizia Hegel reconhecer que “entrar em si também é sair de si” (MERLEAU-PONTY, 1971, 56).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Reginaldo di Piero. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

------. *O visível e o invisível*. Trad. José Artur Gianotti e Armando M. d'Oliveira. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.

------. *O olho e o espírito*. Trad. Geraldo Dantas Barreto. Rio de Janeiro: Grifo Edições, 1969.

------. *Sinais*. Trad. Fernando Gil. Lisboa: Editorial Minotauro, 1962.